

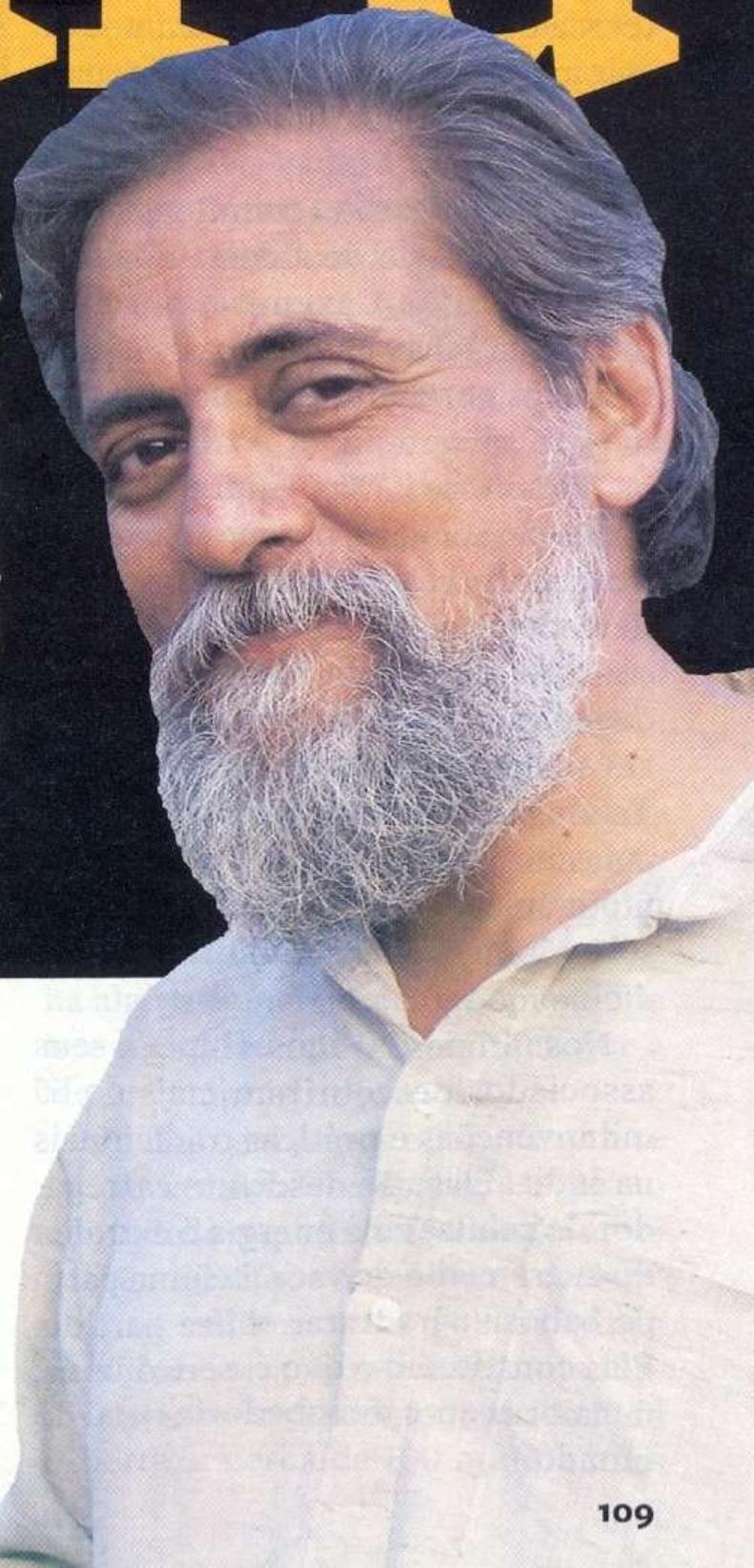
guru

Descobrir e divulgar
idéias e invenções
em comunidades
carentes têm sido a
paixão de Anil
Gupta há 20 anos

POR ASHOK MAHADEVAN

Abdul Rashid Dar, 48 anos, avança pelo pátio empoeirado apoiando-se nas mãos e arrastando suas pernas atrofiadas. Sob o olhar de crianças e adultos, um homem barbado suspende Abdul e, com um sorriso, ajuda-o a se sentar numa cadeira.

Estamos na aldeia indiana de Shanas, onde Abdul, alfaiate que nunca frequentou a escola, está prestes a ser



publicamente homenageado por Anil Gupta, professor do Instituto Indiano de Administração, na distante Ahmedabad. Motivo? Abdul, vítima de poliomielite, criou um dispositivo – feito com cano de ferro, porcas e parafusos – que lhe permite acionar o pedal da embreagem de seu carro com a mão. A invenção custou 100 rupias (cerca de R\$ 4,50). Os fabricantes do automóvel queriam 80 mil rupias para adaptar o veículo!

Passei alguns dias com Gupta e sua equipe, andando de aldeia em aldeia pela região da Caxemira, norte da Índia. Caminhávamos cerca de 25 quilômetros por dia, dormíamos no chão frio de salas de aula e tomávamos banho em rios. Mas Gupta, 55 anos, nunca desanimava, porque sua missão é encontrar, celebrar e fomentar a criatividade no que a maioria das pessoas consideraria o lugar menos provável: o empobrecido interior da Índia.

Gupta não se interessa só pelo novo. Também quer preservar técnicas agrícolas antigas, mas úteis, e remédios fitoterápicos que estão desaparecendo sob o domínio da agricultura e da medicina modernas.

Nos últimos 20 anos, Gupta e seus associados descobriram mais de 65 mil invenções e práticas tradicionais na Índia. Elas vão desde um carregador de celular cuja energia é extraída do excremento de vaca até uma pasta de babosa para tratar chifre partido. Elas constituem o que é, sem dúvida, o maior acervo de sabedoria rural do mundo.

Os feitos de Gupta inspiraram tentativas semelhantes em países asiáticos como Tailândia, China, Paquistão e Filipinas, e em outros lugares, como África do Sul e Brasil. “Ele quebrou um paradigma”, diz Julia Zardo, gerente da incubadora cultural do Instituto Gênese (PUC-Rio). “Não só identifica o que de interessante as pessoas fazem em comunidades de baixa renda como estimula a democratização dessa tecnologia”, complementa ela. O cientista Neil Gershenfeld, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), já viu Gupta em ação na Índia e hoje o chama de “guru mundial das invenções populares”. O trabalho de Gupta, diz Gershenfeld, ajuda a desenvolver “o recurso natural mais precioso do planeta: as pessoas e suas idéias”.

Perto da aldeia de Manzmoo, Hajra Begum dita para Gupta seu remédio contra diarreia. “Misture um ovo com estas ervas”, explica ela, “e acrescente cebola picada.” O professor de repente pára de escrever e pergunta:

– Isso é confidencial ou posso passar adiante?

Já idosa, Hajra parece surpresa.

– É muito útil! Por que seria mantido em segredo?

A pergunta de Gupta toca numa questão fundamental de seu trabalho. Até meados da década de 1980, ele citava nos trabalhos acadêmicos métodos de cultivo de lavradores pobres e analfabetos. Embora tal procedimento lhe rendesse prestígio profissional e consultoria bem remunerada,

O trabalho de Gupta ajuda a desenvolver o **recurso natural mais precioso do planeta:** as pessoas e suas idéias.

os verdadeiros inventores não recebiam nada. Apesar de esta ser uma prática acadêmica comum, Gupta se sentia culpado. “Era injusto; eu tinha de corrigir isso.”

Ele discutiu o assunto com colegas, e foram estabelecidos três princípios normativos: por mais humildes que fossem, as pessoas deveriam receber crédito pelo conhecimento transmitido; este conhecimento não deveria ser disseminado nem usado sem a permissão delas; e o dinheiro ganho a partir dele deveria ser dividido.

Gupta começou a buscar aliados na Índia, desde lavradores até burocratas. Batizou seu trabalho de Honeybee Network (Rede de Abelhas): assim como as abelhas beneficiam as flores das quais colhem o néctar pela polinização cruzada, ele queria ajudar os inventores de quem recebia as idéias.

A primeira publicação da Honeybee

– uma lista de práticas agrícolas inovadoras – surgiu em maio de 1990. Hoje, muitas das informações colhidas pela rede estão disponíveis gratuitamente na Internet (www.sristi.org/cms).

Duas vezes por ano, Gupta passa de sete a nove dias numa *shodhyatra* (“viagem de exploração”, em sânscrito), percorrendo o interior da Índia para encontrar e ajudar novos inventores.

Qualquer interessado pode participar de uma *shodhyatra*. Nosso grupo de 45 pessoas inclui agricultores, professores, um cientista social da Organização Indiana de Pesquisa Espacial e um contador.

Ao descer uma rua de Verinag, Gupta avista, no alto da fachada de uma loja, o letreiro “Obras de Arte em Aço Shabad” e entra para investigar.

O proprietário, Abdul Rehman Sheikh, o filho e dois ajudantes estão debruçados sobre um aparelho. “Estou fazendo uma máquina de cortar metal”, explica Sheikh a Gupta. “Até agora, gastei 5 mil rupias, mas, como o fornecimento de energia está irregular, não consegui terminá-la.”

Gupta chama um auxiliar. “Veja se há algo original no *design*”, pede. “Se houver, talvez possamos oferecer a ele um empréstimo.”

Quando deixamos a loja, Gupta se vira para mim: “Foi a palavra ‘Arte’ no nome da loja que chamou minha atenção. Eu sabia que o dono era criativo.”

Uma semana antes da *shodhyatra* pela Caxemira, Gupta e seus auxiliares estão avançando por uma estrada deserta, a cerca de 100 quilômetros

de Ahmedabad. De repente, ele pede ao motorista que pare. Viu um trator minúsculo e quer examiná-lo.

Rasik Mistry e seu filho, Bipin, criaram a máquina de seis cavalos usando a caixa de câmbio de um carro, o motor de uma motocicleta e os pneus de um cultivador. Gupta gira a chave de ignição, e o motor ganha vida. Sorrindo, ele dá partida no veículo.

Mais tarde, põe a mão no ombro de Bipin e aponta para as mulheres da casa. “Não trabalhe só para os lavradores”, sugere ao menino de 17 anos. “Invente algo para ajudar sua mãe e sua avó.” A pouca quantidade de mulheres inventoras e a falta de bons engenhos para tarefas domésticas incomodam Gupta. “As mulheres não têm acesso às ferramentas e são educadas para não reclamar.”

Ainda assim, o empenho de Gupta gerou uma invenção útil a elas. Em 1997, ele desafiou inventores rurais a criar um aparelho para ajudar as mulheres que pegam água em poços. O invento deveria permitir a elas parar e descansar sem que o balde caísse no fundo. Amrutlal Agrawat, artesão que abandonou a escola na 5ª série, criou um dispositivo com roldana e trinco, do qual hoje existem mais de 500 em uso.

Lançar um produto no mercado é caro e, em seus primeiros anos, a Ho-

neybee Network não podia fazer muito pelos inventores. Mas, desde o fim da década de 1990, o governo oferece financiamento, do qual muitas pessoas já se beneficiaram.

Entre as que tiraram melhor proveito, temos o inventor de máquinas agrícolas Mansukhbhai Patel. A Honeybee Network ajudou Patel a receber assistência técnica e financeira para aperfeiçoar uma colheitadeira de algodão.

Por causa disso, um tipo duro de algodão, amplamente cultivado, não precisa mais ser colhido e aberto manualmente. A empresa de Patel agora movimenta mais de 1 milhão de rupias por ano.

Já houve até encomendas estrangeiras de alguns produtos novos desenvolvidos por outros inventores, inclusive uma máquina de tirar casca de alho e uma ordenhadeira manual.

No último dia da *shodhyatra* pela Caxemira, Gupta dá uma palestra para algumas centenas de universitários na cidade de Anantnag. “Ao estimular os estudantes a deixar fluir a imaginação, sinto crescer o entusiasmo dos jovens.”

Quando ele pára, um rapaz se levanta. Parece aborrecido, mas logo revela que é por um bom motivo. “Por que”, pergunta ele a Gupta, “o senhor demorou tanto para vir aqui?”

NÃO CULPE A PREGUIÇA

Meu trabalho me fascina tanto que chego a ficar parada olhando para ele sem conseguir fazer nada.

Ilzamara Biasotto, Arvorezinha (RS)